



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12529 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

**MULHERES E ALFABETIZAÇÃO:** um perfil das estudantes da educação de jovens e adultos no município de Simões Filho-BA

Lucimara Alves de Araújo Silva - UFBA - Universidade Federal da Bahia

Gilvanice Barbosa da Silva Musial - UFBA - Universidade Federal da Bahia

**MULHERES E ALFABETIZAÇÃO:** um perfil das estudantes da educação de jovens e adultos no município de Simões Filho-BA

## 1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa maior e tem como objetivo analisar os processos de alfabetização de mulheres na Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola da Rede de Ensino de Simões Filho no contexto da pandemia ocasionada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2). A pandemia trouxe várias consequências para a educação e as educandas: escolas fechadas, alunas/os em casa e conteúdo curricular suprimido, devido alterações no calendário, afetando a qualidade da educação. Diante disso, a pesquisa é justificada pela importância de se trabalhar com mulheres historicamente invisibilizadas e muitas vezes relegadas à posição de arrimo de família, abdicando de assumir o protagonismo de suas vidas. Em face do exposto, a questão norteadora consiste em: qual o perfil das mulheres estudantes, em processo de alfabetização, da EJA 1, em uma escola de Simões Filho-BA, frente ao contexto da pandemia (SARS-CoV-2) ?

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com inspiração na etnopesquisa na qual os procedimentos metodológicos foram selecionados de modo a favorecer o contato direto com o ambiente que está sendo pesquisado. Compreendemos que a etnopesquisa crítica é uma possibilidade metodológica para a pesquisa que é delineada com abordagem qualitativa, cujo “[...] objetivo é, portanto, contribuir para o adensamento de reflexões, práticas [...] que se preocupem em entender os movimentos da horizontalidade [...] em especial, na educação.” (FERREIRA;BRITO,2015,P.311).

Foi realizado o levantamento bibliográfico, a coleta de dados junto as estudantes da

EJA e, por fim, a análise deles. A metodologia é reflexo do nosso quadro referencial teórico no qual Paulo Freire (1967, 1982, 1987, 1988, 1989, 1996,2001) direciona as nossas principais reflexões com a discussão do conceito de alfabetização e educação de adultos, associando-se a Magda Soares (1998, 2010, 2014) que trata do conceito de alfabetização na perspectiva do letramento. Por sua vez, Nilma Lino Gomes (2011) esclarece as questões étnicas raciais na educação de jovens e adultos, Maria do Rosário Longo Mortatti (2009) favorece o delineamento da história da alfabetização, Ana Maria de Oliveira Galvão e Maria Clara Di Pierro (2007), tratam do analfabetismo e preconceito e em completamentação Lélia Gonzalez (2010) e Helena Hirata (2014), subsidiam a discussão sobre o feminismo negro.

Este resumo expandido está estruturado em quatro seções e duas subseções (agregadas ao desenvolvimento), incluindo esta primeira seção que se constitui como a introdução. Na seção desenvolvimento é apresentada uma breve reflexão teórica sobre a alfabetização na perspectiva do letramento. Em seguida, na primeira subseção a mulher que ingressa na EJA é caracterizada à luz da literatura. Em continuidade, na segunda subseção é descrito o local de estudo, a escola que oferta a EJA 1 em Simões Filho-BA, como também está disposto o perfil das estudantes da EJA de uma escola da Rede Municipal de Simões Filho, BA, seguindo-se da análise e apresentação dos demais dados coletados. Na terceira seção estão dispostas as considerações finais e na última seção, as referências.

## **2 DESENVOLVIMENTO: ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO**

A EJA é uma modalidade garantida por lei. É uma política pública que visa assegurar o direito ao acesso à educação para aqueles que foram impedidos de serem alfabetizados em momento regular. Em vista disso, já não é possível pensar a educação na EJA sem considerar a alfabetização na perspectiva do letramento.

Quanto ao termo letramento, Paulo Freire traz o seu questionamento sobre a leitura de mundo, que pode ser vinculada com o conceito de letramento. Para ele o sujeito poderia saber ler a sua realidade e em seguida, transformá-la, como sujeito da própria história. Em concordância com o pensamento freireano (1987) os conceitos de alfabetização e letramento são processos que estão inter-relacionados, um complementa o outro na aquisição do conhecimento, pois é a habilidade de ler e escrever nas práticas sociais.

Soares (1998, p. 47) acrescenta que: “alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.” Assim, a alfabetização na perspectiva do “alfabetizar letrando” possibilita aos alunos, que ao mesmo tempo em que aprendam sobre a escrita alfabética, ampliem suas experiências de letramento.

Coadunamos com as principais reflexões dos teóricos em destaque, salientando que já não é possível pensar a educação na EJA sem considerar a alfabetização na perspectiva do letramento. Dessa maneira alfabetizar integra um conjunto de procedimentos e habilidades

para a construção das competências em leitura e escrita.

## **2.1 As mulheres da EJA**

Segundo as autoras, no campo da EJA, fatores ligados ao gênero têm interferido na participação feminina na escola. Sabe-se que a necessidade de arcar com as responsabilidades familiares é um dos principais motivos de evasão das mulheres adultas da escola, sobretudo se forem pobres, negras e habitantes das áreas rurais (NAVAZ; SANT'ANNA; TESSELER, 2013). Nos afazeres diários, verifica-se a prevalência das mulheres na realização das atividades domésticas ligadas à casa e aos netos, já que os filhos em maioria são separados e delegam esse papel as avós.

De acordo com Ruas e Gariglió (2014), historicamente, o fator biológico indicador de que as mulheres possuem a totalidade do trabalho reprodutivo é utilizado para ancorar a criação e manutenção da ideia de que elas têm naturalmente o papel de ficar em casa e realizar o trabalho doméstico, que, desvalorizado pela sociedade, deixa as mulheres “donas de casas” limitadas ao mundo do lar, com menos possibilidades de acesso à educação, à informação e a formação profissional etc. Nesse sentido Scott (2004) atrela o analfabetismo junto a mulheres acima de 35 anos a fatores geracionais históricos, à pobreza estrutural e ao patriarcado, que culminam nas dificuldades desse público no acesso à educação e à própria alfabetização

Quanto a temática étnico-racial, quase a totalidade das mulheres inseridas na modalidade da EJA é negra e tendo em vista que muitas delas, além de estarem mais distantes da escola, assumem desde cedo as tarefas domésticas. Silva (1998, p.5) adverte que “a situação de desvantagem da população negra diante da oferta de educação escolar é de tal modo gritante que os dados estatísticos de que dispomos, embora escassos e não suficientemente discriminados, por si sós fazem a denúncia.” São múltiplos os fatores que agregam o histórico das dificuldades de acesso à educação por parte da mulher negra, pobre, adulta ou idosa.

## **2.2 O perfil das estudantes da EJA de uma escola da Rede Municipal de Simões Filho, BA**

A escola em estudo é administrada pela Rede pública municipal e possui estrutura de médio porte. Está sediada na zona rural, sendo a única escola pública municipal do bairro que oferece do sexto ao nono ano da EJA num bairro consideravelmente populoso com uma frágil infraestrutura. Ela atende aos três turnos. No noturno oferta turmas da EJA 1 a 3. De modo geral, pode-se dizer que o público escolar é marcado pela absoluta predominância de alunos pertencentes ao grupo de trabalhadores assalariados ou autônomos.

O perfil das mulheres da EJA 1 em Simões Filho é delineado a partir do contexto acima, ou seja, está circunscrito pelas características: mulheres adultas e idosas, avós, donas de casa, trabalhadoras autônomas ou em casas de família. Majoritariamente são mulheres pardas e pretas - arrimos de família. Entre 2020 a 2022 realizamos um levantamento do

quantitativo das turmas da EJA 1, conforme Quadro 1:

**Quadro 1:**

**Quantitativo de alunos da EJA 1: 2020, 2021 e 2022**

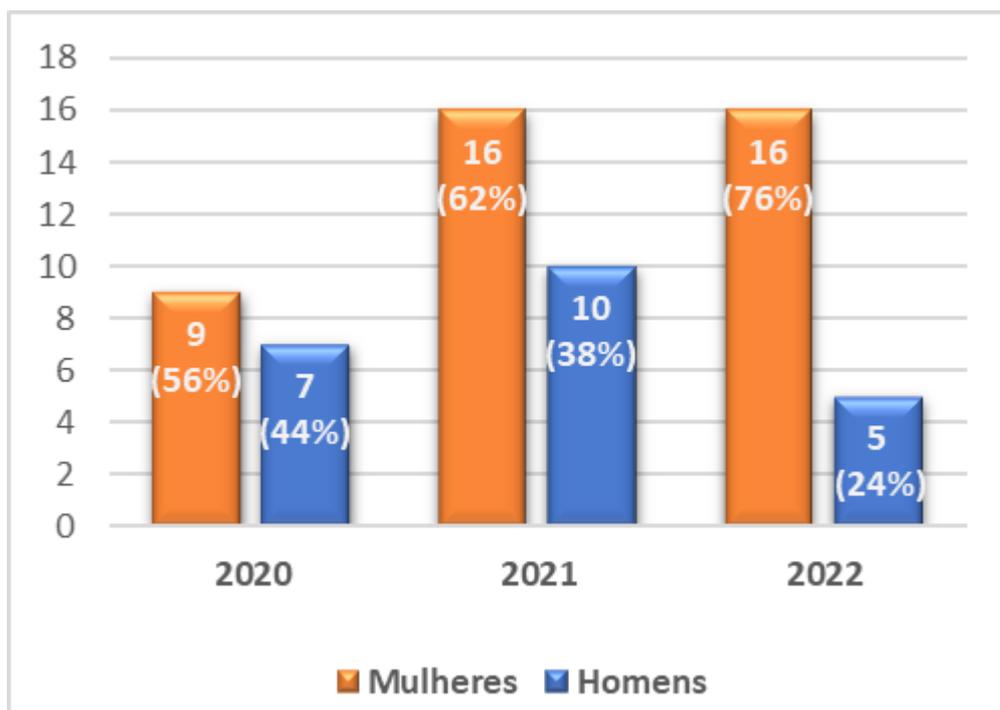
Ano	Nº de alunos (mulheres e homens)
2020	21
2021	17
2022	26
<b>Total</b>	<b>64</b>

Fonte: a pesquisa (2022).

O total de mulheres inscritas na modalidade EJA 1 foi de 41 educandas. Elas são maioria na turma da EJA, reforçando que “a mulher tem se tornado um público específico da EJA, devido a experiência feminina de não acesso à educação.” ( CRUZ; VIEIRA, 2017, p.55). Quanto a isso, ressaltamos no Gráfico 1, o comparativo de alunos matriculados, por gênero na EJA 1 de Simões Filho entre 2020 a 2022:

**Gráfico 1:**

**Alunos matriculados na EJA por gênero**



Fonte: a pesquisa (2022).

Em 2020, o número de mulheres e homens na EJA 1 quase equiparou-se. Fato que se deve pela pandemia, ocasião na qual as mulheres devem ter necessitado se afastar das atividades da escola por conta de fatores relacionados a família e as mudanças na rotina em decorrência do período (Gráfico 1). No estágio mais grave da pandemia houve uma descontinuidade na aprendizagem, que hoje criou uma lacuna no processo de alfabetização ao observarmos as turmas com o retorno gradativo a alfabetização presencial. A Tabela 1,

ilustra as faixas etárias das 41 mulheres inscritas na EJA 1 de 2020 a 2022. Salientamos que nas faixas etárias de 20 e 30 anos houve apenas uma educanda em cada, o que confirma a caracterização de Scott (2004) na qual atrela o analfabetismo na EJA junto a mulheres acima de 35 anos.

Tabela 1:

Idade das educandas da EJA: turmas 2020 a 2022

Faixa etária	2020	2021	2022	Total	%
20 anos	1	0	0	1	2%
30 anos	0	0	1	1	2%
<b>35 a 40 anos</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>10</b>	<b>25%</b>
<b>41 a 45 anos</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>5%</b>
<b>46 a 50 anos</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>9</b>	<b>22%</b>
<b>51 a 56 anos</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>3</b>	<b>11</b>	<b>27%</b>
57 a 62 anos	0	2	3	5	12%
63 a 68 anos	0	1	1	2	5%
Total	9	16	16	41	100%

Fonte: a pesquisa (2022).

Portanto, a faixa etária que caracteriza a maioria das educandas da EJA é a de 35 a 56 anos. Pela descrição dos dados na Tabela 1 é possível identificar que as mulheres da EJA em Simões Filho são predominantemente mulheres adultas, de meia idade e algumas idosas (5%). A EJA, atendo-se ao perfil das discentes delineado apresenta um importante espaço de superação da exclusão social, além de contribuir para a formação dessas mulheres, tanto pela alfabetização na perspectiva do letramento, quanto por facilitar a retomada dos estudos, independente da faixa etária.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que as considerações traçadas a partir desta pesquisa possam servir de reflexão para discussões acerca das desigualdades de gênero ainda marcantes em nossa sociedade e, em particular no município de Simões Filho. Nesse sentido, estudos e pesquisas acerca das questões de gênero na escolarização de mulheres devem seguir sendo conduzidas a fim de subsidiar políticas que possam superar as dificuldades encontradas, sobretudo no que tange à exclusão das mulheres adultas da escola e dos diferentes espaços de saber.

A educação é a alavanca para a transformação social. Entretanto compreender o pedagógico da ação política e o político da ação pedagógica é imprescindível para não se reproduzir a ideologia dominante e evidenciar o poder transformador que a educação tem. A alfabetização é um direito e uma importante estratégia para acessar novos aprendizados que vão se dar em outros contextos sociais: trabalho, família, igreja... Pelo saber propiciado, a partir da alfabetização na perspectiva do letramento, a mulher adulta/idosa da EJA poderá

acessar outros saberes, se desenvolver e adquirir autonomia. No caso das mulheres da EJA 1 o fato de potencialmente poderem ser agentes críticas dos seus processos de alfabetização, buscando a partir do aprendizado, a mudança, de modo a transformar os seus contextos sociais em benefícios de si e para a sociedade é um dos desafios, considerando que na maioria dos casos, em suas gerações anteriores, o acesso à alfabetização foi inexistente ou quase nulo.

## REFERÊNCIAS

- CRUZ, Karla Nascimento; VIEIRA, Maria Clarisse. A produção sobre a educação da mulher na educação de jovens e adultos. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 42, n.1, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1988.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a uma prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FERREIRA, Maria da Conceição Alves; BRITO, Talamira Taita Rodrigues. O itinerário investigativo: a etnopesquisa crítica/formação. **Práxis educacional**, Vitória da Conquista, v.11, n.20, p. 311-332, set./dez. 2015.
- GONZALEZ, Lélia; RATTI, Alex; RIOS, Flavia M (Orgs.). **Retratos do Brasil Negro**. São Paulo: Summus; Selo Negro, 2010. 173 p.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; DI PIERRO, Maria Clara. **Preconceito contra o analfabeto**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.
- GOMES, N. L. (Org.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. 4. ed. São Paulo: Autêntica, 2011.
- HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014.
- MORTATTI, M.R.L. A. “Querela dos métodos” de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate. **Revista Eletrônica Acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa**, São Paulo, v. 3, p. 91-114, 2009.
- NARVAZ, Martha Giudice; SANT’ANNA, Sita Mara L.; TESSELER, Fani Averbuh. Gênero e Educação de Jovens e Adultos: a histórica exclusão de mulheres dos espaços de saber-poder.

**Diálogos**, Canoas, n. 23, 2013.

RUAS, Thatiane Santos; GARÍGLIO, José Angelo. Relações de gênero em currículos dos cursos de Engenharia Elétrica e Mecânica de um Centro Federal de Educação Tecnológica de MG. In: QUIRINO, Raquel. (Org.). **Relações de trabalho, educação e gênero**. Jundiá: Paco Editorial, 2014.

SCOTT, Russell Parry. Monoparentalidade, analfabetismo e políticas de gênero e geração. Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 14, Caxambú, 2004. **Anais...** Caxambu, 2004.

SILVA, Petronilha B. Gonçalves. Chegou a hora de darmos à luz a nós mesmas – situando-nos enquanto mulheres negras. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 45, 1998.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. **Letramento**: Um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.